

CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE

BUCHI EMECHETA




dublinense

SUMÁRIO

Capa

Infância

Fuga para o elitismo

Uma acolhida fria

Os cuidadores

Uma lição onerosa

"Desculpem, pessoas de cor não serão aceitas"

O gueto

Reconhecimento de um papel

Aprendendo as regras

Aplicando as regras

Controle populacional

O colapso

O fascínio da vala

Sobre a autora

Créditos

INFÂNCIA



tudo começara como um sonho. Sabe, aquele tipo de sonho que parece que sai de lugar nenhum, mas que sempre soubemos que existia. Dava para senti-lo, ele podia até dirigir nossos atos; primeiro de forma inconsciente, até virar uma realidade, uma Presença. Adah não sabia com certeza o que originara seu sonho; quando, afinal, tudo começara. Mas a âncora mais antiga que conseguia atrelar àquela torrente de coisa-nenhuma datava de quando tinha uns oito anos de idade. Não estava segura nem mesmo de ter sido aos oito anos, porque, claro, era uma menina. Uma menina que havia chegado quando todos esperavam e previam um menino. Assim, já que era um desapontamento tão grande para os pais, para a família imediata, para a tribo, ninguém pensou em registrar seu nascimento. Uma coisa tão insignificante! Porém isto Adah sabia: havia nascido durante a Segunda Guerra Mundial. Sentia-se com oito anos quando estava sendo guiada por seu sonho, pois uma criança com menos idade não teria sido capaz de fazer tantas travessuras. Evocando isso tudo agora, já adulta, sentia pena dos pais. Mas a culpa era deles mesmos; em primeiro lugar, não deveriam tê-la tido, pois se não tivesse nascido, muita gente seria poupada de muita incomodação.

Bem, Adah achava que estava com oito anos na época em que sua mãe e todas as outras mulheres da sociedade se dedicavam a recepcionar o primeiríssimo advogado da cidade delas, Ibuza. Sempre que alguém dizia a Adah que Ibuza era a sua cidade, ela sentia dificuldade em entender. Seus pais, diziam-lhe, eram de Ibuza, assim como seus tios e tias. Pelo que lhe falavam, Ibuza era uma bela cidade. Desde muito pequena haviam lhe dito que as pessoas de Ibuza eram gentis, que a comida de lá era fresca, que a água da fonte era pura, e o ar, limpo. As virtudes de Ibuza eram cantadas com tanta

insistência que Adah passou a considerar o fato de ter nascido num lugar abandonado por Deus, como Lagos, uma desgraça. Seus pais diziam que Lagos era um lugar ruim, ruim para criar os filhos porque ali as crianças começavam a falar com o sotaque iorubá-ngbati. Ruim porque era uma cidade com leis, uma cidade onde a Lei determinava tudo. Em Ibuza, segundo eles, a lei era aplicada com as próprias mãos. Se uma mulher tratasse mal seu filho, você ia diretamente até a cabana dela, arrastava-a para fora e lhe dava uma surra ou levava uma surra, conforme o caso. Assim, se você não quisesse ser arrastada para fora e levar uma surra, não maltrataria o filho de outra mulher. Lagos era ruim porque esse tipo de comportamento não era permitido. Você era obrigada a controlar sua fúria, o que, ensinaram a Adah, era contra a lei da natureza.

As mulheres de Ibuza que viviam em Lagos estavam se preparando para a chegada do primeiro advogado de Ibuza vindo do Reino Unido. O nome “Reino Unido”, quando pronunciado pelo pai de Adah, tinha um som tão pesado... o tipo de ruído que se associa a bombas. Um som tão grave, tão misterioso, que o pai de Adah sempre o pronunciava com voz contida e com uma expressão tão respeitosa no rosto que até parecia estar falando de Deus Santíssimo. Sem dúvida, ir ao Reino Unido era como fazer uma visita a Deus. Ou seja, o Reino Unido devia ser uma espécie de Paraíso.

As mulheres de Ibuza compraram peças de algodão de estampa idêntica na loja de departamentos da United Africa Company, a UAC, e mandaram fazer lappas e blusas com o mesmo corte. Tingiram o cabelo e o alisaram com pentes aquecidos para que ficasse com aspecto europeu. Nenhuma delas, em seu juízo perfeito, sonharia em receber um advogado que já estivera no Reino Unido com o cabelo ao natural, todo encaracolado. Compuseram canções entremeando nelas o nome do novo advogado. Aquelas mulheres estavam assim orgulhosas do novo advogado, porque para elas era como a chegada de seu Messias em carne e osso. Um Messias especialmente criado para o povo de Ibuza. Um Messias que entraria na política e lutaria pelos direitos do povo de Ibuza. Um Messias que se encarregaria de dotar Ibuza de eletricidade, de uma estrada asfaltada (que a mãe de Adah chamava de “Kol tar”). Ah, sim, o Advogado Nweze ia fazer todo tipo de coisa pelo povo de Ibuza.

A mãe de Adah era costureira, de modo que foi ela quem confeccionou a maioria das blusas. Adah teve muita sorte, porque alguns retalhos do tecido foram transformados numa bata para ela. Ainda se lembrava da bata; ficava tão folgada que Adah praticamente nadava lá dentro. Sua mãe nunca sonharia em fazer um vestido para ela que fosse bem do seu tamanho porque, entendem, em pouco tempo a roupa ficaria pequena. Assim, mesmo ela sendo uma menina miúda, magrinha para a idade, fosse qual fosse sua idade, os vestidos sempre eram três ou quatro números maiores. Essa era uma das razões para gostar de vestidos velhos, pois só quando seus vestidos ficavam velhos estavam do tamanho certo. Mesmo assim, Adah ficou tão feliz com aquele novo “Vestido do Advogado” que implorou à mãe que a deixasse ir com as mulheres até o Cais Apapa no grande dia. Ficou desolada quando se deu conta de que não teria permissão para ir porque o grande dia era dia de aula.

A escola era uma coisa que os igbos levavam muito a sério. Estavam se dando conta depressa de que só o estudo poderia salvá-los da pobreza e da doença. Todas as famílias igbo providenciavam escolas para os filhos. Mesmo assim, em geral a preferência ficava com os meninos. Por isso, embora Adah já estivesse com uns oito anos, a família ainda discutia se seria adequado mandá-la para a escola. E mesmo que ela fosse mandada para a escola, seria mesmo adequado deixá-la frequentar a escola por muito tempo? “Um ano ou dois, e o assunto está resolvido, ela só precisa aprender a escrever o nome e a contar. Depois, vai aprender costura”. Adah ouvira a mãe dizer isso às amigas muitas e muitas vezes. Não demorou e o irmão mais moço de Adah, Boy, começou a frequentar a escola.

Foi nessa época que o sonho de Adah começou a cutucá-la. Toda vez que levava Boy ao Instituto Ladi-Lak, que era o nome da escola, Adah se posicionava junto ao portão para olhar todas as suas amigas em fila junto à entrada da escola em seus elegantes aventais azul-marinhos, asseadas e arrumadinhas. Na época, e hoje ainda, Ladi-Lak era uma escola preparatória muito pequena. As crianças não aprendiam iorubá nem nenhuma outra língua africana: por isso era uma escola tão cara. A dona havia estudado no Reino Unido. Na época, mais de metade das crianças da escola era de igbos, que naquele momento se sentiam altamente motivados pelos valores da

classe média. Adah ficava ali, olhando, cheia de inveja. Mais tarde a inveja foi substituída pela frustração, que Adah manifestava de muitas pequenas maneiras. Mentia, só pelo gosto de mentir; desobedecer à mãe lhe dava um prazer secreto. Porque, Adah pensava, se não fosse Ma, Pa teria se encarregado de fazê-la entrar na escola junto com Boy.

Certa tarde, Ma estava sentada na varanda da casa deles, na Rua Akinwunmi. Com a ajuda de Adah, preparara a refeição da tarde e as duas haviam comido. Ma começou a desmanchar o penteado para em seguida retrançá-lo. Adah já vira a mãe fazer isso milhões de vezes e estava entediada com a cena. Não tinha nada a fazer, ninguém com quem brincar; não havia nem mesmo uma travessura para planejar. Então a ideia despontou em sua cabeça. Isso, iria para a escola. Não para Ladi-Lak, porque essa era a escola de Boy e talvez fosse preciso pagar, já que era uma escola cara. Iria para a Escola Metodista, logo ali, virando a esquina. Era mais barata, e Ma declarara que gostava do uniforme; era onde a maioria de seus amigos estudava, e o sr. Cole, o vizinho de Serra Leoa que vivia na casa ao lado, lecionava lá. Isso, estudaria na Escola Metodista.

Seu vestido estava razoavelmente limpo, embora fosse grande demais, mas daria um jeito no problema. Entrou na sala de casa, pegou uma echarpe velha, torceu-a um monte de vezes, até ela ficar parecendo uma corda de escalar palmeira, depois amarrou-a em torno da cinturinha, subindo um pouco o vestido folgado. As outras crianças iam à escola com lousas e lápis. Ela não possuía nem um nem outro. Seria ridículo entrar numa sala de aula sem lousa nem lápis. Então teve mais uma ideia. Sempre via Pa fazer a barba: Pa tinha uma lousa quebrada, na qual costumava afiar uma espécie de faquinha esquisita e curva. Muitas vezes, fascinada, Adah via Pa afiar a faquinha. Logo depois, Pa esfregava um pouco de sabão carbólico no queixo e raspava a barba. Adah se lembrou da lousa de Pa. O problema era a lousa ser tão pequena. Um caquinho. Não daria para escrever muitas letras, mas um pedaço de lousa era melhor que nada. Então Adah enfiou a lousa de Pa na parte de cima do vestido, sabendo muito bem que a echarpe-cinto evitaria que ela caísse no chão. A sorte estava com ela. Ainda não havia saído da sala quando uma das inúmeras amigas de Ma apareceu para fazer uma visita, e as

duas mulheres ficaram tão entretidas com suas conversinhas que não perceberam quando Adah passou por elas e saiu.

E, assim, Adah foi para a escola. Correu o máximo que pôde, para não ser interceptada. Não viu nenhuma das amigas de Ma porque já passava de meio-dia e fazia muito calor; a maioria das pessoas estava exausta demais para sair andando pelas ruas àquela hora. Cansou de correr e começou a trotar como um cavalo manco; cansada de trotar, andou. Em pouco tempo chegou à sala de aula. Havia dois prédios no conjunto. Um era a igreja, e os amigos haviam comentado que a igreja nunca era usada como sala de aula. Sabia qual dos dois prédios era a igreja porque, mesmo sem ter começado a frequentar a escola, assistia ao curso de domingo na igreja. De cabeça bem erguida, cheia de determinação, avançou pelo local em busca da classe do sr. Cole. Era fácil, porque todas as classes eram separadas umas das outras por tabiques baixos, feitos de uma espécie de papelão. Era fácil ver todas elas, bastava ir andando pela parte central.

Quando avistou o sr. Cole, entrou na classe e ficou parada atrás dele. As outras crianças ergueram os olhos do que estavam escrevendo e olharam para Adah embasbacadas. No começo houve um silêncio, um silêncio tão tangível que quase dava para pegá-lo e apalpá-lo. Aí uma criança bobinha começou a rir e as outras a imitaram, até que quase todas as crianças da classe estavam rindo de uma maneira tão descontrolada que o sr. Cole olhou furioso para aquelas crianças que, no entendimento dele, haviam enlouquecido. Aí o fato se deu. A criança que desencadeara as risadas cobriu a boca com uma das mãos e com a outra apontou para Adah.

O sr. Cole era um africano grandão, muito jovem, muito bonito. Um autêntico homem negro. Seu negror resplandecia como couro negro engraxado. Era um homem muito reservado, mas costumava sorrir para Adah sempre que passava por ela, a caminho da escola. Adah estava segura de que iria receber do sr. Cole aquele mesmo sorriso encorajador ali, na frente de todos aqueles idiotas que não paravam de rir. O sr. Cole se virou com tanta energia que Adah deu um passo para trás. Não por medo do sr. Cole, mas é que o movimento dele, sendo um homem tão maciço, tinha sido muito brusco, muito inesperado. Só Deus nos céus para saber o que ele imaginava que ia ver atrás de si. Um gorila enorme ou algum trote

das crianças, quem sabe? Mas a única coisa que enxergou foi Adah, de olhos pregados nele.

Deus abençoe o sr. Cole. Ele não riu, entendeu na hora o que estava acontecendo, dirigiu a Adah um daqueles seus sorrisos especiais, estendeu a mão e levou-a até um garoto com uma erupção de *craw-craw* na cabeça e com um gesto convidou-a a sentar-se. Adah não sabia como interpretar aquele gesto. Achava que o sr. Cole deveria ter lhe perguntado por que estava ali, mas, tranquilizada pelo sorriso que ele lhe dirigia, disse, em sua vozinha bem audível:

“Vim sozinha para a escola, meus pais não quiseram me mandar”.

A classe fez silêncio outra vez. O garoto com *craw-craw* na cabeça (que mais tarde seria professor no Hospital de Lagos) lhe deu um pedaço de seu lápis e Adah começou a rabiscar e não parou mais, saboreando o cheiro de *craw-craw* e de suor seco. Nunca mais esqueceu aquele cheiro de escola.

O dia acabou cedo demais para o gosto de Adah. Mas os alunos tinham de ir para casa, garantiu-lhe o sr. Cole. Claro, sem dúvida ela podia voltar, se quisesse, mas, se seus pais não permitissem, ele se encarregaria de ensinar-lhe o alfabeto. Se pelo menos o sr. Cole não tivesse misturado os pais dela naquele assunto... Com Pa não havia problema: provavelmente ele daria umas bengaladas nela, só algumas – umas seis, pouca coisa –, mas Ma não lhe daria bengaladas, daria palmadas, uma atrás da outra, e depois iria xingá-la, xingá-la o dia inteiro sem parar.

Ela achava que essas experiências com Ma tão cedo na vida é que a haviam deixado com tão baixa estima em relação a seu próprio sexo. Alguém em algum lugar disse que em geral nossas personalidades se formam bem cedo na vida. Pois é, esse alguém tinha razão. Até hoje as mulheres deixavam Adah nervosa. As mulheres sabiam como minar a autoconfiança dela. Possuía uma ou duas amigas com quem conversava sobre o tempo e sobre moda. Mas quando passava por alguma dificuldade real, preferia o apoio de um homem. Os homens eram tão sólidos, tão seguros!

O sr. Cole foi com ela até a banca de uma mulher que vendia *boli*, que é a palavra iorubá para banana assada. Essas mulheres costumavam ter panelas sem tampa nas quais faziam uma espécie de fogueira alimentada a carvão. As fogueiras eram cobertas com tela de

arame e sobre a tela eram postas bananas descascadas, prontas para serem assadas. O sr. Cole deu a Adah um grande boli e disse a ela que não se preocupasse. Quando chegaram em casa, as coisas mudaram de figura; em casa, as coisas tinham saído de controle.

Na verdade, rolava o maior escarcéu. Pa fora chamado do trabalho, Ma estava com a polícia, que a acusava de abandono de menor, e a menor que havia provocado todo aquele escândalo era a pequena Adah, olhando para eles amedrontada e ao mesmo tempo triunfante. Levaram Ma para a delegacia e a obrigaram a tomar um grande pote de gari com água. *Gari* é uma espécie de farinha sem sabor feita de mandioca. Quando cozida e consumida com sopa, é uma delícia. Mas crua, com água, do tipo que Ma foi obrigada a beber, virava uma verdadeira tortura, na verdade purgativa!

Aqueles policiais! Adah ainda estava tentando entender de onde eles tiravam todas as suas leis não escritas. O fato se deu na delegacia do mercado Sabo. Ma disse aos policiais com os olhos cheios de água que não estava mais conseguindo engolir o gari. Eles lhe disseram que tomasse o pote inteiro, e disseram de um jeito que Adah se escondeu atrás do sr. Cole. Se Ma não tomasse todo o gari, continuaram os policiais, eles a mandariam para o tribunal. Como riam das próprias gracinhas, aqueles homens horríveis; e como deixaram Adah em pânico! Ma continuou engolindo, de olhos arregalados. Adah estava com medo; começou a gritar, e Pa, que muito pouco dissera, implorou aos policiais que parassem com aquilo. Que deixassem Ma ir embora agora, explicou, porque ela já havia aprendido sua lição. Que Ma adorava conversar e era muito descuidada, do contrário Adah não teria conseguido fugir de casa, como fizera. As mulheres eram assim. Passavam o dia sentadas em casa, comiam, fofocavam e dormiam. Não tinham capacidade nem para cuidar direito dos filhos. Mas agora os policiais deveriam perdoá-la, porque Pa achava que ela já ingerira uma quantidade suficiente de gari.

O chefe de polícia pensou sobre o que Pa estava dizendo, depois olhou de novo para Ma, que levava o gari à boca com as mãos em concha, e sorriu. Ficou com pena de Ma, mas disse a ela que se aquele tipo de coisa acontecesse outra vez, ele pessoalmente iria entregá-la ao tribunal.

“Sabe o que isso significa?”, ele berrou.

Ma fez que sim com a cabeça. Sabia que o tribunal podia significar duas coisas: uma multa pesada, que ela nunca teria condições de pagar, ou prisão, que ela pronunciava “pilizão”. Foi aconselhada a vender uma de suas lappas coloridas e mandar Adah para a escola, pois Adah dava a impressão de ser uma criança ansiosa por aprender. A essa altura, Ma lançou um olhar esquisito para Adah – um olhar que era uma mistura de medo, amor e assombro. Adah se encolheu, ainda agarrada ao sr. Cole.

Quando chegaram em casa de volta da delegacia, as notícias já haviam se espalhado. Adah quase mandara a mãe para a “pilizão”. Essa frase foi repetida com tanta frequência que Adah começou a ficar muito orgulhosa de sua atitude impulsiva. Sentia-se triunfante, em especial quando ouviu os amigos de Pa aconselhá-lo a permitir que Adah entrasse logo para a escola. Essa conversa transcorria na varanda, onde as visitas estavam dando cabo de dois barriletes de vinho de palma para molhar as gargantas ressequidas. Quando os visitantes se foram, Adah ficou sozinha com os pais.

As coisas não ficaram tão ruins quanto ela havia pensado que ficariam. Pa foi buscar a bengala e lhe aplicou algumas pancadas por conta de Ma. Adah não se incomodou, porque as bengaladas não foram muito fortes. Talvez Pa tivesse amolecido devido à conversa com os amigos, porque quando Adah chorou, depois das bengaladas, ele foi falar com ela muito sério, como se ela fosse uma adulta! Chamou-a por seu apelido carinhoso, “Nne nna”, que significa “Mãe do pai”, não muito distante do significado do nome real de Adah. A razão dela ter recebido aquele nome era toda uma história.

Quando estava para morrer, a mãe de Pa havia prometido a Pa que voltaria, só que como filha dele. Estava triste por não poder viver para criá-lo. Morreu quando Pa tinha apenas cinco anos. Voltaria, prometeu, para compensar o fato de tê-lo abandonado tão pequeno. Bem, Pa cresceu e se casou com Ma na Igreja de Cristo de Lagos, que era uma igreja cristã. Mas Pa não esqueceu a promessa da mãe. Sua única ressalva era não querer que o primeiro filho fosse uma menina. Bem, a mãe de Pa estava impaciente! Ma teve uma menina. Pa achou que Adah era o retrato escarrado da mãe, mesmo Adah tendo nascido dois meses antes do tempo. Pa estava seguríssimo de que a

coisinha úmida, de fisionomia ainda não inteiramente definida, parecida com um macaco, era sua “mãe voltando”. Por isso a recém-nascida foi coberta por uma verdadeira coleção de nomes: Nne nna, Adah nna, Adah Eze! Adah Eze significa “Princesa, filha de um rei”. Às vezes os pais a chamavam de Adah Eze, outras de Adah nna e outras ainda de Nne nna. Mas a coleção de nomes era extensa demais e muito desconcertante para os amigos e os companheiros de brincadeira iorubás de Adah, e mais ainda para a impaciente Ma. Assim, a menina se tornara apenas “Adah”. Para ela, estava bem. Era um nome curto: todos conseguiam pronunciá-lo. Depois que cresceu, quando passou a frequentar o Ginásio Metodista para Meninas de Lagos, onde entrou em contato com missionários europeus, seu nome foi um dos primeiros que eles aprenderam e que pronunciavam corretamente. Isso em geral dava a Adah uma vantagem em relação às outras meninas de nomes compridos, como Adebisi Gbamg-bose ou Oluwafunmilayo Olorunshogo!

De modo que foi assim que Adah entrou na escola. Pa não queria nem ouvir falar na hipótese dela frequentar o Primário Metodista; ela que fosse para a escola chique, Ladi-Lak. Sem dúvida teria tido sucesso mais cedo na vida se Pa não tivesse morrido. Mas pouco depois ele morreu, e Adah e seu irmão Boy foram transferidos para uma escola inferior. Mesmo com esses tropeços, o sonho de Adah nunca a deixou.

Era compreensível que Ma se recusasse a levá-la para ver o novo advogado, pois Adah entrara na escola apenas algumas semanas antes dos preparativos para a chegada do grande homem. Ma ficou realmente furiosa com Adah por pedir um absurdo daqueles.

“No mês passado você me fez tomar gari até minha barriga quase estourar, só porque disse que queria escola. Agora que demos escola a você, você quer ir para o porto. Não, não vai. Você escolheu escola. E vai ter que ir para a escola a partir de hoje e até seu cabelo ficar branco”.

Ma tinha toda a razão! Adah nunca ia parar de aprender. Daquele dia em diante virara estudante perpétua.

A resposta de Ma fez a fisionomia de Adah murchar. Se tivesse adivinhado que aquilo ia acontecer, teria encenado sua tragédia escolar depois da chegada do Advogado Nweze. Mas, no fim das

contas, ela não perdeu grande coisa. As mulheres ensaiaram suas canções diversas vezes e exibiram seus uniformes, que haviam batizado com o nome de *Ezidijiji de ogoli ome oba*, que significa “Quando um bom homem abraça uma mulher, ela fica igual a uma rainha”. Entremearam o nome do uniforme à letra da canção, e era uma alegria ouvir e ver aquelas mulheres, felizes em sua inocência, como crianças. Seus desejos eram simples, fáceis de atender. Não eram como os de seus filhos, que mais adiante foram apanhados pela rede emaranhada da industrialização. A Ma de Adah nunca passou pela experiência de ficar pagando hipoteca, nunca soube o que era ter um automóvel para a família ou se preocupar com o funcionamento do motor do carro; não se preocupava com poluição, explosão populacional ou questões de raça. Assim, o que há de surpreendente no fato dela viver feliz, ignorando as assim chamadas alegrias da civilização e todas as suas armadilhas?

Naquele dia essas mulheres felizes foram até o porto receber uma pessoa que havia partido para ter um gostinho da tal civilização, uma civilização que em breve aprisionaria todas elas, como ópio. Naquele dia, estavam felizes por dar as boas-vindas a seu campeão.

Foram de uniforme novo. Adah até hoje recorda a cor. Tinha um fundo escuro, aveludado, com desenhos de penas azul-claras por cima. O pano de cabeça era vermelho, amarrado de modo a deixar o cabelo alisado delas à mostra. Calçavam sapatos pretos de couro chamados “nove-nove”. Ninguém sabia de fato por quê; talvez devido ao ritmo da repetição. Seja como for, calçavam aqueles sapatos “nove-nove” com seus “*Ezidijiji de ogoli ome oba*” e compraram novas cabaças, que recobriram de contas coloridas. Quando essas cabaças eram sacudidas, produziam sons semelhantes aos do samba espanhol, com uma harmonia frenética de aldeia africana.

Haviam se divertido, depois contaram a Adah. Dançaram felizes no porto, sacudindo as cabaças coloridas no ar. Os europeus que chegavam olhavam para elas embasbacados. Nunca haviam visto nada como aquilo antes. O ápice da coisa foi quando um inglês as fotografou. Ele chegara a tirar vários instantâneos das mulheres com bebês presos às costas. Ma e suas amigas ficaram realmente felizes por serem fotografadas por europeus! Isso foi antes da independência

da Nigéria, quando praticamente todos os navios que chegavam da Inglaterra traziam centenas de ingleses recém-formados e médicos para trabalhar nas escolas e nos hospitais de Lagos.

As poucas lacunas na história mágica da chegada de Nweze foram preenchidas por Pa. No domingo seguinte todos os homens de Ibuza foram dar as boas-vindas ao grande personagem. Não podiam se afastar de seus locais de trabalho durante a semana. Pa disse que o advogado não conseguia mais engolir inhame socado; não conseguia nem comer um pedaço de osso. A carne que prepararam para ele teve de passar dias guisando, a ponto de quase virar polpa. “Fiquei até mareado”, disse Pa, cuspiendo no chão. “Me lembrei da comida nojenta, aguada, que comíamos no exército. Mas tem uma coisa”, prosseguiu, “ele não trouxe nenhuma mulher branca junto com ele”. Todos os amigos de Pa concordaram: era mesmo uma boa coisa. Se Nweze tivesse trazido uma mulher branca para Ibuza, Oboshi teria jogado uma lepra para cima dela!

Relembrando todos esses tabus e superstições dos igbos do Oeste da Nigéria, Adah não conseguiu se impedir de rir para si mesma. Havia crescido com eles, eles faziam parte dela, porém agora, na década de 70, achava graça quando se lembrava. O que havia de mais engraçado em todas aquelas superstições e crenças era elas ainda terem uma presença tão melancólica nas mentes de seu povo. Ninguém se atrevia a ignorá-las, nem uma só delas. A lepra era uma doença com a qual a deusa do maior rio de Ibuza amaldiçoava todo aquele que ousasse desrespeitar alguma tradição do lugar.

Bem, Pa e seus amigos ergueram brindes à deusa do Rio Oboshi por não permitir que o Advogado Nweze se desencaminhasse. O fato de Oboshi ser forte o bastante para guiar os pensamentos de Nweze era uma demonstração dos poderes da deusa. Todos ergueram novos brindes.

Mais adiante, porém, Adah foi incapaz de entender o que teria dado naquele Rio Oboshi. Descobriram petróleo muito perto dele, e a deusa permitiu que os homens do petróleo perfurassem o rio sem amaldiçoá-los com a lepra. Quase todos os homens do petróleo eram brancos – surpreendente. Ou, quem sabe, os deuses maiores já haviam declarado a deusa do rio obsoleta bem antes daquela ocasião. Isso não seria uma surpresa para Adah, pois qualquer um podia ser

declarado obsoleto naquela época, mesmo as deusas. Se não obsoleta, ela devia estar num sono de Rip Van Winkle, pois também permitiu que os soldados hauçá chegassem e massacrassem seus filhos, e alguns homens de Ibuza haviam se casado com mulheres brancas sem ficar leprosos. Ainda no ano anterior uma garota diplomada de Ibuza se casara com um norte-americano branco! De modo que a deusa do Rio Oboshi era mais rápida que seus filhos e filhas no que dizia respeito a se adaptar aos tempos que corriam.

Fosse como fosse, as conversas em torno da chegada de Nweze se estenderam por muitos meses. Adah falou sobre ele a todas as amigas da escola, dizendo-lhes que ele era seu primo. Bem, todas elas também assumiam ares de importantes, então por que não ela? Mas fez uma promessa secreta para si mesma: um dia iria ao Reino Unido. Sua chegada ao Reino Unido seria o pináculo de suas ambições. Não ousava contar a ninguém; podiam concluir que era preciso mandar examinar a cabeça dela, ou algo do tipo. Uma garotinha como ela, com um pai que não passava de empregado na ferrovia e uma mãe que não sabia coisa alguma além da Bíblia igbo e do hinário igbo-anglicano, da Introdução até o Sumário, e que ainda acreditava que Jerusalém se localizava junto à mão direita de Deus!

Ir um dia ao Reino Unido era um sonho que Adah guardava consigo, mas sonhos depressa ganham corpo. Seu sonho vivia com ela, exatamente como uma Presença.

FUGA PARA O ELITISMO



maioria dos sonhos tem seus reveses, como todos os sonhadores sabem muito bem. O sonho de Adah não foi uma exceção, pois teve muitos.

O primeiro contratempo aconteceu de repente. Uns poucos meses depois dela entrar na escola, Pa foi até o hospital por algum motivo que Adah não conseguia recordar qual era. Então alguém – ela não sabia com certeza quem – lhe disse que Pa ficaria no hospital por alguns dias. Uma semana ou duas mais tarde, Pa foi levado para casa: morto. Depois disso as coisas andaram tão depressa que ela às vezes confundia umas com as outras. Como a maioria das meninas órfãs, deveria passar a morar com o irmão mais velho da mãe e trabalhar para ele como doméstica. Mas foi herdada pelo irmão de Pa, e Boy deveria morar com um dos primos de Pa. Ficou decidido que o dinheiro da família, umas cem ou duzentas libras, seria gasto na formação de Boy. Assim, Boy foi selecionado para um futuro brilhante, estudando numa escola secundária e essa coisa toda. Adah abandonaria a escola, mas alguém argumentou que, quanto mais tempo ela ficasse na escola, maior seria o dote que seu futuro marido pagaria por ela. Afinal, era jovem demais para se casar, pois estava com mais ou menos nove anos, e além disso o dinheiro extra a ser obtido com ela arremataria os gastos com Boy. Assim, por enquanto Adah permaneceria na escola.

Adah sentia saudades da antiga escola – da limpeza, da ordem e da qualidade das aulas –, mas não podia continuar lá, pois custava quase seis vezes mais que as outras. A menina precisava se habituar a uma escola mais antiga e mais barulhenta, do contrário não teria permissão para cursar escola nenhuma. Mas uma coisa ela recebera em sua curta permanência na Ladi-Lak: ótimos, sólidos fundamentos, que a puseram à frente de sua nova classe. Os primos

achavam uma graça enorme nos esforços de Adah: achavam que ela era uma garotinha engraçada. Adah, porém, agradecia aos céus o fato deles a deixarem sonhar depois de concluídas suas tarefas do dia.

As tarefas do dia! Jesus! Sua jornada começava às quatro e meia da manhã. Na varanda do novo lar da Rua Pike havia um enorme tambor usado como recipiente para água, e Adah precisava enchê-lo antes de sair para a escola. Em geral isso significava dez ou doze viagens até a “bomba” pública, como eram chamadas na época aquelas monstruosidades.

A nova família de Adah era constituída pelo irmão de Ma, que trabalhava na marina, nas docas; por sua velha esposa, uma mulher calada, reservada, verdadeira sombra do marido autocrático; e pelos quatro poderosos filhos dos dois, todos adultos. Um dos filhos era casado e pai de uma menina, outro trabalhava como funcionário do Tesouro, outro era artista e passava o dia em casa cantando, o mais moço estava concluindo a escola. De modo que para eles a morte de Pa fora uma bênção, pois significava que podiam ter Adah como criada para ajudar nos muitos trabalhos da casa e não precisavam pagar nada por isso. Todas essas pessoas ocupavam apenas um quarto e uma varanda e mesmo assim a casa tinha dez quartos! Dava para imaginar o número de famílias que dependiam da bomba da Rua Pike, pois ela também servia a mais oito ruas. O sistema era simples: quem chegava primeiro se servia primeiro. Às sete ou oito da manhã geralmente havia brigas, baldes de metal eram jogados para o alto, punhos eram erguidos, roupas rasgadas. Para evitar essa hora conturbada, Adah costumava acordar antes das quatro e meia. O fato dela levantar tão cedo também era de grande utilidade para seu novo Pa e amo. Ele saía para o trabalho por volta das seis e meia da manhã e Adah precisava estar em casa para entregar-lhe seus pertences.

A partir dessas evidências, alguém poderia concluir que os africanos maltratam os filhos. Para o povo de Adah, porém, e para a própria Adah, não era isso, de jeito nenhum, o que acontecia: era o costume. As crianças, em especial as meninas, aprendiam a ser muito úteis desde bem cedo na vida, e isso tinha suas vantagens. Por exemplo, Adah aprendeu bastante jovem a ser responsável por si mesma. Ninguém estava interessado nela enquanto pessoa, somente

no dinheiro que ela poderia obter e nos trabalhos domésticos que era capaz de realizar, e Adah, feliz por receber essa oportunidade de sobrevivência, não desperdiçava seu tempo refletindo sobre os acertos e erros do assunto. O importante era sobreviver.

O tempo passou depressa e, quando ela chegou aos onze anos, as pessoas começaram a perguntar quando ela ia sair da escola. Essa era uma questão urgente, porque os fundos para a educação de Boy estavam se esgotando; Ma não estava satisfeita com o novo marido, e todos achavam que já era tempo de Adah começar a fazer uma contribuição financeira para a família. A ideia aterrorizava Adah. Durante algum tempo, tudo indicava que teria de ceder para salvar Ma da posição humilhante em que se encontrava. Adah odiava Ma por ter se casado de novo. Achava que era uma traição a Pa. Às vezes sonhava casar-se cedo; com um homem rico que lhe desse condições de levar Ma e Boy para morar com eles. Isso teria resolvido muitos problemas, mas o tipo de homem para quem ela estava sendo empurrada pelos primos espertos e pelas indiretas diplomáticas de Ma eram sujeitos carecas e enormes, quase tão grandes quanto seu falecido Pa. Ma dissera a Adah que homens mais velhos cuidavam melhor das esposas que os jovens e instruídos, mas Adah não gostava deles. Nunca, nunca na vida se casaria com homem nenhum, rico ou pobre, a quem tivesse de servir as refeições de joelho dobrado: não admitiria viver com um marido a quem tivesse de tratar como amo e chamar de “senhor” mesmo quando ele não estivesse ouvindo. Sabia que todas as mulheres igbo faziam isso, mas nunca agiria assim!

Infelizmente, sua teimosia lhe granjeou péssima reputação; o que ninguém lhe contou na época foi que os homens mais velhos eram estimulados a ir “falar” com ela porque só eles tinham condições de arcar com o alto “dote de esposa” que Ma estava pedindo. Já que Adah ignorava esse detalhe, porém, bastava ela avistar um daqueles “carequinhas” de calça branca engomada para começar a cantar canções nativas sobre a malvadeza dos velhos carequinhas. Quando isso não dava resultado, ia até o quintal e furava os pneus das bicicletas dos pretendentes. Mais tarde ficou sabendo que aquilo era uma crueldade, pois o governo nigeriano costumava dar um adiantamento aos funcionários novatos para que comprassem suas bicicletas. Os pretendentes solicitavam o adiantamento para comprar

as novas bicicletas Raleigh com faróis vistosos pensando impressionar Adah. Só que aquela garota boba se recusava a ficar impressionada.

Acontece que o número de pretendentes começou a minguar. Talvez tivesse corrido a notícia de que ela era uma garota esquisita, pois naquele tempo Adah tinha mesmo um jeito bizarro; só cabeça, com um cabelo de cor estranha e uma barriga que teria combinado bem com qualquer pôster da Oxfam. Mais adiante lhe disseram que os pretendentes haviam sumido porque ela era irritadinha e feia. Adah não contestou; na época, era feia: só pele e osso.

A ideia de ter de sair da escola no fim do ano a atormentava a tal ponto que Adah perdeu peso. Seu rosto adquiriu uma expressão pateticamente ansiosa; do tipo que algumas pessoas loucas têm, com olhos tão inexpressivos quanto lentes de contato.

Mais ou menos por aí, aconteceu uma coisa que mostrou à menina que seu sonho estava apenas passando por um abalo insignificante, bem pequeno mesmo, nada profundo o bastante para destruir sua estrutura básica. O sonho àquela altura adquirira uma imagem em sua mente, parecera criar vida, respirar e sorrir amavelmente para ela. O sorriso da Presença se abriu quando o diretor da escola de Adah anunciou as listas de escolas secundárias disponíveis, escolas nas quais as crianças poderiam se candidatar a matrículas. “Você vai, precisa ir, e para uma das escolas mais importantes; e não apenas vai para uma dessas escolas, como será uma das melhores alunas”, Adah ouviu a Presença dizer. E ouviu isso tantas vezes que começou a sorrir. A voz do diretor puxou-a de volta para a realidade.

“E o que eu tenho de tão engraçado, Adah Ofili?”.

“Eu, senhor? Ah, não é nada, senhor, eu não estava rindo, quer dizer, não estava sorrindo, senhor”.

“Não estava o quê? Então eu estou mentindo? Muito bem, levantem essa menina!”.

Imediatamente um grupo de três ou quatro garotos de aspecto vigoroso sentados na última fila se aproximou; o maior deles levantou Adah nas costas e dois outros seguraram seus pés enquanto o diretor aplicava bengaladas em seu traseiro. A dor ardida da bengalada era tão intensa que Adah não conseguia nem gritar. Para

aliviar a dor, enterrou com força os dentes afiados nas costas do pobre garoto que a sustentava. Ele começou a gritar bem alto, mas Adah não o largava, nem mesmo quando as bengaladas cessaram. O garoto se contorcia em agonia, e Adah também. Todos os professores vieram socorrê-los. Os dentes de Adah haviam se enterrado tão profundamente no garoto que fragmentos da carne dele ficaram presos entre os dentes dela. Adah os cuspiu depressa e enxugou a boca, olhando para todos de olhos arregalados.

“Você vai para a prisão por causa disso”, berrou o diretor, e levou o garoto até sua sala para os primeiros socorros. Daquele dia em diante, nunca mais garoto nenhum se voluntariou a levantar Adah nas costas, mas o incidente originou um apelido de que ela nunca se viu livre: a tigresa igbo. Alguns de seus colegas iorubás costumavam lhe perguntar qual era o sabor da carne humana, porque “vocês, igbos, costumavam comer gente, não é mesmo?”. Bem, Adah não estava informada sobre as tendências canibalísticas de sua tribo; só sabia que a bengala do diretor a queimara de um jeito tal que ela sentira impulsos irrefreáveis de passar a dor adiante. Por acaso Latifu, o garoto que a erguera nas costas, era a vítima mais próxima e, por isso, fora o escolhido. Além disso, Adah achava que a castigavam injustamente. Estava sorrindo para a Presença, não do diretor, e desconfiava que o diretor sabia que ela estava dizendo a verdade; simplesmente ficara com vontade de espancá-la, só isso.

Adah passou dias esperando a chegada da Lei que, segundo o diretor, viria e a levaria para a prisão. Não apareceu nenhum policial para apreendê-la, por isso ela concluiu que ou havia sido esquecida ou aquela mordida em Latifu não fora profunda o suficiente para merecer o encarceramento. Porém a ideia a torturava. Torturava-a a tal ponto que foi tentada a cometer outra atrocidade, dessa vez uma atrocidade realmente horrível, que quase a enviou não para a prisão, mas para o seio do Criador.

Adah recebeu dois xelins para comprar meio quilo de carne num mercado chamado Sand Ground. Olhou para a moeda de dois xelins durante muito, muito tempo. Para se inscrever no exame de admissão da escola de seus sonhos precisava exatamente daquilo: dois xelins. Jesus não havia dito que não se deve roubar? Mas ela estava segura de que em algum lugar da Bíblia estava escrito que era

possível ser tão esperto quanto a serpente, mas tão inofensivo quanto a pomba. Será que estaria prejudicando alguém, se pagasse pelo exame de admissão com aqueles dois xelins? Será que Jesus a condenaria por fazer aquilo: roubar? Afinal, o dinheiro não faria falta a seu primo, embora ele certamente o recusasse caso ela pedisse do jeito normal. Que fazer? O problema com Jesus era que Ele nunca respondia às perguntas que Lhe faziam; na verdade, nunca enviava nem sequer um sinal indicando o que fazer em caso de tentação. Qualquer um podia torcer o que Ele dizia do modo que conviesse à própria interpretação. Então ela voltou a ver a Imagem. Tudo ficaria bem, a Imagem estava sorrindo, de modo que Adah enterrou o dinheiro e voltou para casa em prantos e sem a carne.

Ela era realmente péssima em matéria de mentir. A excitação em seus olhos sempre acabava por traí-la. Se pelo menos tivesse conseguido manter os grandes olhos abaixados, tudo teria dado certo: as pessoas teriam acreditado em sua história. Mas ela ficava olhando os outros nos olhos, e seu rosto a expunha como um espelho.

“Você está mentindo, Adah”, disse a esposa do primo sem hesitar.

Adah abriu a boca mas foi obrigada a fechá-la depressa, porque não saiu nenhum som. Ela sabia o que ia acontecer com ela: a bengala. Não se importava com elas porque sabia que todo aquele que peca deve ser punido. O que não previu foi a extensão do castigo. O primo a despachou com uma moeda de três pênis para comprar o tipo de bengala chamado *koboko*, a mesma com que os hauçás espancavam os cavalos. Não havia nada que Adah pudesse fazer senão comprar a tal bengala. O primo advertiu-a de que não interromperia a aplicação das bordoadas enquanto ela não falasse a verdade. Isso era ruim, pensou Adah. Se não fosse para o Ginásio Metodista para Meninas, morreria. Concentrou a mente em outra coisa. Depois da ardência das primeiras pancadas, sua pele endureceu e seu coração também. Ela começou a contar. Quando chegou a cinquenta, o primo Vincent pediu a Adah que chorasse um pouco. Se pelo menos ela chorasse e pedisse piedade, ele interromperia o castigo. Mas Adah não mordeu a isca. Começou a ver a si própria como mártir; estava sendo punida por aquilo em que acreditava. Enquanto isso, a ira do primo Vincent só aumentava; ele a espancou

cruelmente, bateu em seu corpo todo. Depois de cento e três bordoadas, disse a Adah que nunca mais lhe dirigiria a palavra: nem neste mundo nem no outro. Adah não se incomodou. Na verdade, ficou felicíssima. Conseguira os dois xelins. E ele era um homem horrível, horrível.

O diretor da escola não acreditou em seus ouvidos quando Adah lhe disse que pretendia se apresentar para prestar o exame de admissão. Olhou para o corpo desnutrido da menina durante muito tempo, depois deu de ombros. “Impossível saber o que vocês, igbos, pretendem fazer. Vocês são o maior mistério criado pelo bom Deus”. E anotou o nome dela.

Às vezes a possibilidade de que talvez não tivesse condições de pagar a escola lhe passava pela cabeça. Mas ela não permitia que o assunto a preocupasse. Lera em algum lugar que havia algum tipo de bolsa de estudos para as primeiras cinco colocadas no exame, ou algo assim. Faria tudo para conseguir uma das bolsas. Estava tão determinada que nem mesmo o fato de seu número de inscrição ser o novecentos e quarenta e sete a amedrontou. Ia entrar naquela escola e ponto final!

Mas como contar em casa? Não gostava mais do primo Vincent. Sempre que se ajoelhava para rezar, costumava pedir a Deus que o mandasse para o inferno. Não acreditava naquela história de amar os inimigos. Afinal de contas, Deus não gostava do Diabo. Então por que ia rezar por um homem capaz de espancá-la com um *koboko* durante duas horas inteirinhas? Quando o primo Vincent foi reprovado nos exames para o Certificado da Cambridge School, Adah caiu na gargalhada. Deus ouvira suas preces.

O exame de admissão seria num sábado. Um problema e tanto. Como fazer para sair de casa? Outra mentira? Impossível. Seria descoberta e impedida de prestar os exames; sendo assim, informou ao tio, irmão de Ma, que ia prestar o exame; o mais engraçado foi que ninguém lhe perguntou de onde havia tirado o dinheiro para se inscrever. Ninguém queria saber. Desde que não pedisse dinheiro a ninguém e desde que tivesse concluído suas tarefas dos sábados, podia ir para o diabo que eles não estavam nem aí.

Ocasionalmente a dona da casa, cunhada de Ma, perguntava como Adah pretendia arrumar o dinheiro para as taxas escolares e a

relembrava de que o pai havia morrido. Quando a tia dizia isso, a mente de Adah estremecia de medo, mas Adah nunca contou a ninguém que sonhava ganhar uma bolsa de estudos. Essa era uma ambição grande demais para ser manifestada por uma menina como ela.

Adah tinha consciência de que desde a morte de Pa ninguém estava interessado nela. Mesmo que tivesse fracassado, encararia o fato como um dos tropeços da vida. Só que não fracassou. Não apenas foi aprovada nos exames de admissão, como obteve uma bolsa plena. Nunca ficou sabendo se havia tirado o primeiro ou o segundo lugar, ou mesmo o terceiro, mas esteve entre as melhores alunas daquele ano.

Desde então, começara a sentir-se maravilhada com a Presença. Ela existia bem junto dela, como uma companhia. Consolava-a durante as longas férias escolares, quando não podia ir para casa porque não tinha casa para onde ir.

Foi muito feliz no Ginásio Metodista para Meninas, especialmente durante os primeiros quatro anos. Contudo, uma nuvem de indecisão começou a assombrá-la quando o fim de seus dias na escola se aproximou. Impressionante como cinco anos passavam depressa! Ela teria gostado de ficar por lá, no internato; de espichar cada dia para um ano e cada ano para um século. Mas era impossível. O derradeiro dia chegou, encontrando-a um bocado despreparada para a vida lá fora. Tinha alguns planos vagos sobre o que ia fazer; pretendia continuar estudando, pretendia frequentar a Universidade de Ibadan e estudar os clássicos, e no fim de tudo ia lecionar.

Bem, uma coisa ela não previra. Quem quisesse estudar para se formar, estudar para o exame de admissão ou mesmo estudar para obter mais notas “A” precisava ter uma casa. Não uma casa onde houvesse confusão hoje e brigas amanhã, mas uma casa com boa atmosfera, um lugar tranquilo para estudar em paz.

Adah não tinha como encontrar uma casa assim. Em Lagos, na época, os adolescentes não podiam morar sozinhos e se, por acaso, para completar, esse adolescente fosse uma menina, viver sozinha significava ir atrás de encrenca. Em suma, Adah teria de se casar.

Francis era um rapaz muito tranquilo, que estudava contabilidade. Adah felicitou-se pelo casamento. Pelo menos ele não era um dos carequinhas; também não era um “homem feito” na época, embora não houvesse dúvida de que um dia seria. Para Adah, a grande vantagem era que poderia continuar estudando no seu próprio ritmo. Extraía grande satisfação também do fato de Francis ser pobre demais para pagar as quinhentas libras do dote de esposa que Ma e os outros membros da família estavam pedindo. Ela era uma noiva cara assim porque tinha “formação escolar”, muito embora nenhum deles tivesse contribuído para seus estudos. A ira de sua gente foi tanta que nenhum dos parentes compareceu ao casamento.

O casamento em si foi uma história hilariante. Tanto Francis como Adah eram menores de idade, e a única testemunha deles, a mãe de Francis, precisou assinar com o polegar.

A coisa toda começou com o pé esquerdo. O casal se esquecera de comprar alianças, e o homem magrinho de gravata borboleta se recusou a casá-los, mesmo Adah garantindo que um pedaço de barbante resolveria o problema até os dois chegarem em casa.

“Nunca ouvi falar em casamento assim!”, declarou o homem, transpirando no colarinho apertado.

“Por favor, case a gente sem aliança porque, entende, quando a gente chegar a Ebute-Metta, o senhor já vai ter encerrado o expediente!”, implorou Adah.

“Não se preocupe com isso, é só voltar amanhã com uma aliança que eu caso vocês”.

De modo que o casamento se realizou no dia seguinte. Foi o dia mais triste de toda a vida de Adah. Para ela não havia problema em ter de voltar para casa de ônibus, nem era problema não se casar de branco, que de todo jeito ela detestava, mas mesmo assim ficou triste, muito triste, por meses a fio, desde o casamento no cartório.

Em pouco tempo, porém, as coisas melhoraram. Adah deu à luz uma filha, e tanto ela como Francis ficaram encantados com o bebê.

E então, depois de infinitas entrevistas e formulários preenchidos, Adah foi selecionada para trabalhar como bibliotecária na Biblioteca do Consulado Americano da Rua Campbell. A dimensão do salário que ela ganharia, mais os benefícios, deixaram Francis um pouco preocupado, por isso ele foi pedir conselhos a seu Pa.

antes de agir. Ouça o que lhe digo: raríssimas mulheres são capazes de fazer isso”.

Os dois caíram na risada.

“Papai tinha razão, não é mesmo?”, Francis queria ser tranquilizado.

Verdade, o pai de Francis tinha mais razão do que imaginava, pensou Adah consigo mesma. Antes de mais nada, Francis precisava partir; em seguida ela se dedicaria a fazer a cabeça dos sogros, e se dedicaria a isso com todas as suas forças, até convencê-los a deixá-la partir.

Em pouco tempo começaram os planos para a viagem de Francis. Não demorou nada para ele organizar tudo o que era necessário. Só que Adah teve de gastar uma pequena fortuna: foi suborno em cima de suborno. Naquele tempo, para conseguir um passaporte era preciso subornar até o mensageiro do departamento de passaportes. Por estranho que pareça, o escritório estava a cargo de policiais. Até o homem da chefia, que cobrava vinte libras, era policial. Todos os seus subordinados recebiam cinco libras cada. Francis e Adah mantinham a casa com o salário de Francis e tiveram de gastar todo o dinheiro de Adah para os preparativos da partida dele.

Na noite anterior à partida da Nigéria, Francis tirou uma fotografia de grupo com a família dele e a filhinha que tinha com Adah. Adah se recusou a posar para a foto. Não sabia por que, mas simplesmente não queria fazer parte da imagem. Talvez fosse por estar com a gravidez do segundo filho muito avançada, mas sabia que o fotógrafo saberia disfarçar a coisa. Um parente dele apareceu para fazer uma oração especial ao Rio Oboshi. A mãe de Francis trouxe alguns pedaços de noz-de-cola, que o parente quebrou para jogar os cacos num círculo desenhado a giz no assoalho. Uma longa oração foi cantada para a deusa que estava em Ibuza, a quatrocentas milhas de distância. Pediram-lhe que guiasse Francis, que o protegesse do mau-olhado das garotas brancas, que o fizesse ser aprovado nos exames num prazo adequado, que o abençoasse com todo o dinheiro da Inglaterra; foi-lhe solicitado em especial que o esquecesse quando distribuísse doenças e todo tipo de praga. Essa parte confundiu Adah. Então Oboshi era responsável pelas vidas das pessoas até mesmo quando elas estavam na Inglaterra? Mesmo assim, no fim da oração,

aeroporto porque a porta do avião me fez pensar no caixão de meu Pa?”.

Ele ia achar que ela estava maluca. Por isso Adah resolveu não contar nada. Deixou as coisas como estavam. Enviava dinheiro a ele regularmente, teve outro filho dele, dessa vez um menino, voltou a trabalhar doze dias depois do parto, pois tinha apenas três semanas anuais de férias. Na época, o Consulado Americano não previa licença-maternidade. Mas os funcionários – todos americanos, todos muito ricos e muito simpáticos – organizaram uma grande festa para ela. Tinham conhecimento das dificuldades que Adah estava enfrentando, mas eram diplomatas, não missionários nem assistentes sociais.

Alguns meses depois, Francis enviou à esposa e aos pais os resultados de seu exame de Primeira Fase. Fora aprovado. Assim, para Adah, estava na hora de agir, do contrário jamais viajaria para o país de seus sonhos.

A felicidade com o sucesso de Francis foi tanta que Adah contou para todo mundo. Não estava tão surpresa com esse sucesso inicial do marido, considerando que ele prestara o mesmo exame quatro vezes em Lagos, antes de partir para o Reino Unido. Faltavam a Segunda e a Terceira Fase; pelos cálculos de Adah, Francis ficaria mais quatro ou mesmo cinco anos fora. Numa de suas cartas, ele chegara a mencionar seu desejo de ser contratado como estagiário por um advogado. Isso exigiria pelo menos cinco anos. E ela, o que deveria fazer enquanto isso? Escreveu, fazendo a pergunta a Francis, e ficou chocada ao ler a resposta dele: que ele gostaria que ela fosse se juntar a ele, mas que, a julgar por seu comportamento no aeroporto, tinha certeza de que ela não estava interessada. Ora, não faltava mais nada.

Adah foi conversar com a mãe de Francis, pediu-lhe que prestasse atenção em todas as mulheres que haviam estado na Inglaterra: todas dirigiam seus próprios carros.

“Pense só, Ma – Francis em seu grande carro americano e eu no meu carro pequeno indo visitar você e Pa depois que vocês se aposentarem. Todos os amigos de vocês vão ficar com inveja. Saiba que na Inglaterra eu vou trabalhar e continuar mandando dinheiro

UMA ACOLHIDA FRIA



Houve uma explosão súbita de comoção no convés do navio. Adah podia ouvir os ruídos do lugar onde estava sentada, em sua cabine, trocando as fraldas de Vicky. Por um momento interrompeu o que estava fazendo e se esforçou para entender o significado daquela agitação, mas era impossível perceber algo coerente. Havia vozes deblaterando com veemência, alguém soltou uma risada histérica, depois uma pessoa passou correndo como se estivesse sendo perseguida por demônios.

O que poderia ser?, especulou Adah, apressando a rotina da troca de fraldas. Talvez um incêndio, ou um acidente, ou quem sabe alguém se afogando? Sabia que em um dia ou dois chegariam a Liverpool, mas por que tanta correria? Incapaz de suportar o suspense por mais tempo, enfiou um vestido de qualquer jeito e correu para o convés.

Havia esquecido que o navio já ultrapassara o Golfo da Biscaia, havia esquecido que agora estavam na Europa e que corria o mês de março. O vento frio que soprou em seu rosto quando ela saiu para o convés foi bruto e doloroso como o soco de um boxeador. Adah correu de volta com os braços cruzados sobre o peito para se agasalhar melhor. Depois correu para a enfermeira do navio. A enfermeira tinha um rosto balofo, olhos miúdos e corpo obeso. Era toda sorrisos quando viu Adah e seus olhos desapareceram entre as dobras de sua fisionomia.

“Você viu?”, balbuciou. “Viu Liverpool? Ainda é muito cedo e está um pouco escuro, mas já estamos em Liverpool. Chegamos à Inglaterra!”.

Adah abriu muito os olhos, depois os fechou outra vez, sem deixar de tiritar. Então haviam chegado. Havia chegado ao Reino Unido. Pa, estou no Reino Unido, cantava seu coração para o pai morto.

Bem, o que Adah ia dizer? Simplesmente fitou o que estava diante dela. Não disse nada nem quando ficou sabendo que o toalete era do lado de fora, quatro andares abaixo, no pátio; ou quando ficou sabendo que não havia banheira, que não havia cozinha. Engoliu tudo, como uma pílula amarga.

À noite os outros moradores voltaram das fábricas onde trabalhavam. Todos apareceram para dar as boas-vindas. Então, para seu horror, Adah se deu conta de que teria de dividir a moradia com nigerianos do tipo dos que na Nigéria a chamavam de madame; alguns deles tinham o mesmo nível, em matéria de instrução, de suas antigas criadas pagas. Sabia que tivera uma infância terrível, mas, mesmo assim, na Nigéria, as distinções de classe estavam começando a ser estabelecidas. *Oh, Francis, gemeu por dentro, como você foi capaz de fazer isso conosco? Afinal, temos amigos que, mesmo que talvez estejam vivendo em pardieiros como este, não precisam conviver com pessoas assim.*

“Você podia ter tentado, Francis. Veja seu amigo, o sr. Eke. Quando soube que a esposa estava vindo com a filha dos dois, tratou de se afastar desse pessoal”, disse em voz alta.

“Desculpe, mas não tenho tempo para tratar disso. Não é ruim, você pode ficar longe deles, não é obrigada a se misturar. Precisa tomar conta de seus filhos, não é obrigada a conviver com eles!”.

“Do jeito que você fala, parece fácil: *não sou obrigada a conviver com eles.* Você se esquece de que tenho filhos pequenos, que por causa deles eu vou ter de entrar em contato com os vizinhos. Você devia ter pensado nisso antes. Não sente a menor vergonha, ou será que perdeu seu sentimento de vergonha neste maldito país? Ah, por que fui inventar de vir... Por que ninguém me avisou? Eu queria...”.

“Por que você não para de querer coisas e começa a encarar a realidade? Agora é tarde. Só nos resta fazer o melhor possível com a situação. Eu, se fosse você, não ficava me lamentando”.

“Não fale comigo. Não quero ouvir. Você podia ter encontrado acomodações melhores, se tivesse feito um esforço, só que não fez o menor esforço”, gritou Adah.

Francis perdeu a paciência. Ergueu a mão, como se pretendesse estapeá-la, mas se controlou. Haveria tempo suficiente para isso, caso Adah tivesse a intenção de começar a dizer a ele como agir. Adah

Adah se sentia muito mal, mas não se queixava. Francis, insatisfeito, começou a procurar fora de casa mulheres dispostas a aceitá-lo. Para Adah estava tudo muito bem; chegava até a estimular Francis. Assim, pelo menos teria algumas noites de paz.

Como previsto, Francis a culpou pelo bebê, convencido de que ela perderia o emprego, já que havia um exame médico a fazer. Adah entrou em pânico com o exame, mas estava resolvida a conseguir o emprego.

Vestiu sua melhor saia e sua melhor blusa, o conjunto comprado no St. Michael, em Lagos. Depois de chegar à Inglaterra não tivera condições de comprar nenhuma roupa, já que todo o dinheiro que trouxera era gasto com comida. Francis não podia trabalhar porque estava estudando, e disse que seu progresso ficaria comprometido se o fizesse. Bem, ela vestiu a roupa, sentindo-se o máximo. Fazia muito tempo que não se arrumava direito. Além de fazê-la sentir-se bem, a saia e a blusa cobriram a suave protuberância que já começava a se formar. Por ser o terceiro filho, a barriga aparecia cedo.

Adah parou de ficar em pânico ao ver que o médico era homem, e ainda por cima velho. Porém havia uma mulher sentada ao lado dele, escrevente ou algo do estilo, pois estava equipada de papel e caneta e sentada em uma cadeira, empertigada como um graveto. Adah ignorou a mulher e dedicou-se ao velho médico. Sorriu para ele, foi envolvente, chegou a tentar flertar com ele. Em suma, o médico ficou empolgado e se esqueceu de olhar para o umbigo de Adah, embora ela estivesse despida até a cintura.

Adah conseguiu o emprego. Só Deus Todo-Poderoso sabe qual terá sido o destino do pobre do médico, especialmente por ter ficado claro desde o primeiro mês que Adah estava grávida, e por ela ter buscado informações a respeito da licença-maternidade. Adah ficou com muita pena do médico, mas que mais poderia ter feito? Se não tivesse conseguido aquele emprego, seu casamento teria descido pelo ralo e ela teria ficado numa situação muito difícil, porque ainda não sabia como se virar. O fato de Adah continuar pondo os ovos de ouro impediu Francis de abandoná-la. Como antes, o salário dela o prendia, mas a diferença era que agora Adah estava consciente do fato.

Também ela começou a ler as obras de inúmeros romancistas contemporâneos, o que contribuiu muito para melhorar sua cultura.

No novo emprego, precisava ser muito rápida ao arquivar livros, ao preencher canhotos, ao decifrar canhotos de leitores, ao localizar canhotos extraviados. E ficava o tempo todo dizendo “obrigada”; “obrigada” ao receber de volta os livros emprestados, “obrigada” ao devolver os canhotos, “obrigada” ao entregar novos livros. Na verdade, trabalhar na Biblioteca de North Finchley era principalmente um emprego de ficar dizendo “obrigada, obrigada”. No fim das contas, Adah estava feliz por ter conseguido um emprego de primeira; estava feliz por suas colegas de trabalho gostarem dela; estava feliz por apreciar o trabalho.

Para ela estava ótimo, ser uma cidadã de primeira classe durante a parte do dia em que trabalhava numa biblioteca limpa, com aquecimento central, mas – e seus filhos? Quem ia cuidar deles? Como o fim das férias escolares de verão estava se aproximando, Francis aceitou se ocupar dos filhos temporariamente. Enquanto ainda era novidade o fato dela ter conseguido um emprego numa biblioteca, fazendo um trabalho de cidadã de primeira classe, Francis concordava em tomar conta das crianças, mas não demorou para que o trabalho de Adah deixasse de ser novidade. Todo mundo o aceitava com um muxoxo de desdém.

“Quem vai tomar conta dos seus filhos para você?”, perguntou Francis um dia, enquanto ela acomodava os bebês no sofá-cama. “Não posso continuar me encarregando, você vai ter que encontrar alguém. Não posso continuar tomando conta dos seus filhos para você”.

Adah se virou, perplexa. Na verdade, não estava surpresa com o fato de Francis dizer aquilo, pois sabia que aquele momento chegaria. O que não percebera, porém, era o ressentimento em relação às crianças se acumulando em Francis. Deu-se conta da raiva contida do marido quando ele se referia aos pequenos como filhos “dela”, e não “deles”. Na Nigéria, quando os filhos se comportavam bem, eram do pai, haviam puxado por ele, mas quando se comportavam mal, eram da mãe, haviam puxado por ela e pela velha mãe da mãe. Adah se assustou.

Nessa época ela conheceu uma garota cockney chamada Janet, de quem ficou amiga.

Janet era a esposa do sr. Babalola. Sua história não era apenas notável: era também assombrosa.

O sr. Babalola viera para a Inglaterra, tal como Francis e Adah, com o objetivo de estudar. Só que, diferentemente de Adah e Francis, era solteiro e dispunha de uma bolsa de estudos da Região Norte da Nigéria. Isso significava que tinha mais dinheiro para gastar, já que os nortistas, diferentemente dos superinstruídos sulistas, faziam qualquer coisa para estimular seus homens a instruir-se de fato e assim ter condições de voltar para casa e obter os empregos do norte que estavam sendo ocupados pelos sulistas. O sr. Babalola era, portanto, um estudante muito rico.

Segundo os boatos, tinha um apartamento elegante e estava sempre recepcionando os amigos. Isso não era nenhuma surpresa para alguém que conhecesse os nortistas. Eles gostavam de gastar seu dinheiro, de desfrutar de verdade o que possuíam, e para eles o que possuíam era deles somente hoje; não amanhã ou no dia seguinte. Alá tomava conta do futuro. Sem dúvida a filosofia de vida de Babalola era essa.

Por alguma razão, porém, o dinheiro do sr. Babalola parou de chegar, sem que ninguém soubesse por quê. Uma coisa era certa: ele não estava estudando coisa nenhuma, embora originalmente tivesse vindo para cursar jornalismo. Circulou a notícia de que ele estava ficando pobre. Que não tinha como manter o antigo nível de distrações, de modo que seus amigos dos dias mais felizes deram no pé. Deixaram de aparecer, e Babalola se mudou para uma área muito mais modesta: a Rua Ashdown, em Kentish Town.

Foi nessa época, quando seus rendimentos começaram a se esgotar e ele tentava desesperadamente convencer seu governo de que, se lhe dessem outra oportunidade, seria um aluno exemplar, que Babalola conheceu Janet.

Estava ao lado de uma cabine telefônica esperando impaciente que chegasse sua vez de telefonar, para ligar para um de seus amigos fujões. Esperou um tempo que lhe pareceu infinito; aparentemente a jovem que já ocupava a cabine passou horas pendurada no telefone. Muitos outros chegaram, cansaram de esperar e se afastaram

das filhas; mas a tintura muito preta impregnava toda a sua personalidade de uma espécie de vulgaridade. Trudy ria alto de uma piada que partilhava com um homem que a abraçava num ângulo estranho. Adah fechou os olhos. O riso cessou abruptamente quando os dois se deram conta de sua presença.

“Ué, você não está no trabalho?”, disse Trudy, confusa.

“Eu estava indo para a clínica, na Maiden Road, e tive a ideia de passar por aqui para saber como você estava se virando com Titi e Vicky”.

Houve uma pausa, durante a qual Adah pôde ouvir seu coração bater acelerado. Sentia dificuldade crescente em controlar a ira. Lembrou-se da mãe. Se estivesse na mesma situação em que ela estava agora, Ma teria estraçalhado os tecidos gordinhos daquela mulher. Bem, ela não era Ma, mas era filha de Ma e, fosse como fosse, continuava sendo uma igbo. Berrou:

“Onde estão meus filhos? Sua pu...”, Adah parou no meio da frase. Já ia chamando Trudy de puta, mas não sabia com certeza se o homem que olhava para elas de braguilha aberta era ou não o marido dela. Contudo, o homem pediu licença às pressas e se retirou, e Adah se arrependeu de não ter ido até o fim do que estava por dizer. O homem não era marido de Trudy. Era um amante; um cliente ou um namorado, ou quem sabe uma mistura dos dois. Adah não estava interessada. Queria ver os filhos.

Trudy apontou para a porta. Os olhos de Adah seguiram o dedo que apontava para o quintal. Sim, Adah podia ouvir a vozinha de Vicky balbuciando alguma coisa em seu idioma particular. Correu para fora e viu os filhos. Ficou ali parada, de joelhos trêmulos, e caiu no choro.

Vicky estava ocupado retirando lixo da lata e Titi lavava as mãos e o rosto com a água que escorria do vaso sanitário. Quando viram a mãe, os dois correram para ela, e Adah percebeu que Vicky estava sem fraldas.

“Eles se recusam a falar conosco. No outro dia eu dei um sorvete a Titi e ela não sabia o que fazer com ele. Eles molham a roupa o tempo todo”, Trudy falava sem parar, como uma mulher possuída.

Adah embrulhou as crianças, acomodou-as no carrinho e as levou até o serviço social infantil da Maiden Road. Afinal, Trudy era uma

UMA LIÇÃO ONEROSA



uma bela manhã de julho, Adah acordou muito cansada. Havia várias razões possíveis para explicar sua fadiga: as condições em que a família vivia, amontoada em meio aposento; sua preocupação constante com a maneira como Vicky e Titi eram tratados; sua gravidez. Para completar, ela e Francis só se comunicavam por monossílabos e, mesmo assim, apenas quando a conversa era muito necessária.

Adah começou a perder a confiança em si mesma. Teria sido um acerto seu sonho de ir para o Reino Unido, ou ela não passava de uma sonhadora inconsequente? Mas Francis havia concordado! Qual teria sido seu erro? Desejava que a Presença ainda estivesse ao seu lado para lhe dar uma pista, mas aparentemente ela a abandonara desde seu desembarque na Inglaterra. A Presença seria seu instinto? Na Nigéria ela estava sempre tão ativa... Seria porque na Nigéria ela estava mais próxima da Mãe Natureza? Adah só queria uma coisa: alguém que lhe dissesse qual havia sido seu erro.

Com esse peso, que era como a pesada carga de Cristão em *A jornada do peregrino*, ela saiu da cama com relutância. Passou um ou dois minutos olhando para o marido que roncava, com o peito peludo subindo e descendo como ondas agitadas. Teve vontade de sacudi-lo para lhe dizer a que ponto se sentia exausta e com que relutância sairia de casa e deixaria as crianças para trás naquele dia, mas sabia que, em primeiro lugar, ele não a ouviria e que, mesmo que ouvisse, não daria atenção a seus sentimentos e diria que era tudo superstição, exatamente como César não dera atenção ao sonho da esposa sobre os Idos de Março.

Adah se vestiu, lavou as crianças e lhes deu o café da manhã. Francis acabou acordando com o barulho dos pratos e o choro de

Encontrou Cynthia na porta de entrada da biblioteca enfiando às pressas sua leve capa de chuva, de verão.

“Graças a Deus, você chegou. Eu estava saindo para ver se encontrava você”.

“Meus filhos. O que aconteceu com eles? Estão bem?”.

“Como você sabe?”, perguntou Cynthia, assustada. “Quem lhe contou?”, continuou perguntando, enquanto entrava correndo na biblioteca atrás de Adah.

Pois é, como ela soubera? Como uma mãe vai dizer a outra mulher que nunca deu à luz que ela às vezes vivia em seus filhos? Como explicar que, se por acaso seu filho sofresse uma operação, o corpo dela doeria? Como Adah ia contar a Cynthia que no momento em que estava olhando para o pudim de peixe vira, refletido na vitrine, o rosto úmido de Vicky contorcido de dor? Havia muito a explicar; muito sobre ela mesma como ser humano que desconhecia. Simplesmente sentia aquelas coisas.

Adah não chorou. Victor estava em perigo, mas não morto, e enquanto ele estivesse vivo, Deus haveria de ajudá-lo.

“Você não recebeu o recado?”, indagou a outra assistente.

E então Adah foi informada do que já pressentira. Trudy havia telefonado, disseram; Vicky estava passando muito mal, e ela não podia mandá-lo para um hospital porque estava esperando Adah chegar em casa.

A sra. Konrad, bendita seja, levou-a de carro até a estação. Adah correu da estação Kentish Town até a casa de Trudy. Havia uma ambulância esperando na frente da porta. Uma pequena multidão já se reunira, falando, discutindo e arriscando palpites. Todos eles conheciam Adah, já a haviam visto muitas vezes levando os filhos até a casa de Trudy. Titi olhou para a mãe com expressão patética enquanto ela entrava correndo na sala de Trudy.

Trudy estava com Vicky no colo, passando no rosto dele um trapo tão sujo quanto um velho pano de chão. Mergulhava o trapo numa tigela de água igualmente suja e com ele corria todo o rosto de Vicky. Disse que estava tentando baixar a febre do menino. Um médico alto e calvo estava ao lado, de maleta na mão. O médico indiano a cujos cuidados Francis e Adah haviam sido confiados estava ocupado e não pudera vir, e o sujeito alto e calvo de terno preto com colete viera em

enquanto ela tentava concluir qual era a decisão correta a tomar. De alguma forma, sentia que, no caso, dispunha de poucas opções. Vicky já fora internado num quarto. Um quarto na área de isolamento, para o caso de sua doença ser contagiosa.

Deixaram-na entrar para vê-lo. Ele estava bem aconchegado em sua caminha: um berço azul com cobertores azuis felpudos. Não dormia, mas fitou a mãe com o olhar de uma pessoa com uma crise forte de enxaqueca. Dava a impressão de ter dificuldade para mover os olhos. Seria possível que os outros tivessem razão afinal? Vicky estava muito doente? Adah se agarrou às grades do berço.

Estava sendo observada através da divisória de vidro. Uma enfermeira se aproximou e lhe disse que agora tinha de sair; Vicky precisava dormir e descansar. Adah concordou com a cabeça e se despediu de Vicky, mas Vicky não respondeu; seus olhos cansados pareciam estar fitando alguma coisa que só ele podia ver. Adah não tinha autorização para ficar com o menino, precisava sair do quarto.

Por que, refletiu ela consigo mesma, as autoridades não permitiam que mães de bebês pequenos ficassem no hospital acompanhando os filhos enfermos? Na Nigéria, onde o clima era quente o bastante, ela poderia ter ficado do lado de fora do hospital, no complexo, debaixo de uma árvore grande. Agora, não sabia o que fazer. Esperar no corredor? Alguém lhe diria para sair. Mas enquanto isso não acontecesse, era o que ia fazer: que absurdo internar uma criança de um ano num hospital e não lhe dar nenhum tratamento porque ainda estavam procurando o diagnóstico para os sintomas! Imagine se a criança tivesse convulsões, como costumava acontecer com seus filhos quando tinham febre alta? As enfermeiras se limitariam a encher a criança de injeções, mas a vida inteira Adah vira bebês com ataques de malária e conhecia todos os remédios adequados para os primeiros socorros. Talvez o hospital não conhecesse, de modo que era melhor ficar por ali.

Adah cochilou num banco de madeira. Quando abriu os olhos, ficou surpresa ao ver a bonita enfermeira de voz suave que antes lhe dissera que estava na hora de sair.

Ela ficou muito tempo olhando para Adah, depois sorriu.

“Victor é seu único filho?”.

poucos meses. Talvez ele tenha se contagiado com a água que bebia em casa, entende, antes de vocês virem para cá...”.

Adah cravou os olhos em Trudy; não conseguia acreditar em seus ouvidos. Estaria sonhando? O que era aquilo que Trudy acabara de dizer, sobre a criança nascida no melhor hospital da Nigéria, na melhor enfermaria, atendida pelo melhor ginecologista suíço que os americanos haviam conseguido para ela, já que ela era membro da equipe do consulado – apenas um dos inúmeros benefícios adicionais decorrentes de trabalhar para os americanos? Quis explicar tudo aquilo a Trudy, mas naquele momento viu Titi chegando do quintal, imunda como da outra vez. Adah nunca soube o que a tomou. A única coisa que sabia era que havia perdido o controle da situação. Caleidoscopicamente, seu olho da mente continuava vendo Vicky e Titi na lata de lixo do pátio interno de Trudy. Não conseguia extirpar aquela cena que girava em sua cabeça, e fez a única coisa que lhe ocorreu instintivamente. Diante dela estava uma inimiga, insultando seu país, sua família, sua pessoa e, o que era pior, seu filho.

Alguém deixara um varredor de tapete ao lado da porta. (Mais tarde, Adah tentou deduzir por que o objeto estaria ali, já que não havia tapetes em nenhuma das duas peças da casa de Trudy.) Sem pensar, empunhou o varredor, pesado como era, e deu um golpe às cegas na direção da cabeça de Trudy! Trudy viu o varredor se aproximando e desviou o corpo. Alguém, alguma vizinha de Trudy que estava em pé junto à porta, segurou Adah por trás.

“Não, não, não faça isso”, disse, atrás dela, a voz dessa vizinha, calma, racional, tranquilizadora.

Adah cuspiu, com a boca espumando, exatamente como o povo de sua tribo teria feito. Se estivesse entre os seus, poderia ter matado Trudy e as outras mães lhe forneceriam uma retaguarda sólida. Aqui ela não dispunha nem mesmo da alegria de esmurrar aquela mulher gorda, de carnes frouxas, cabelo tingido e olhos de gata dengosa até fazê-la perder os sentidos. Ela pertencia à nação de pessoas que haviam introduzido a noção de “lei e ordem”.

Seu ventre começou a doer, como se estivesse tendo um início de indigestão. Adah não estava habituada a reprimir a própria fúria.

o que fosse, aquele tipo de envelope nunca levava boas notícias a ninguém.

“Notícias muito, muito ruins. E pode acreditar: estou perdendo a confiança na natureza humana”, prosseguiu ele, saboreando a ansiedade de Adah. Ela não se surpreendeu com esta última declaração de Francis. Ele sempre se decepcionava com a natureza humana quando outros humanos se recusavam a se curvarem aos seus desejos. Agora estava sentado ali, estalando repetidamente os labiozinhos úmidos, como uma ratoeira de brinquedo.

Adah não conseguiu mais aguentar a dúvida. Sentia-se impaciente e começava a detestar a cena toda. Detestava ser tratada como uma nativa, que não deveria tomar conhecimento dos eventos importantes da família enquanto eles não fossem bem discutidos e analisados pelos componentes masculinos. Bem, Francis não estava autorizado a fazer isso, pelo menos não naquele apartamento de uma peça onde eles viviam. Por isso, Adah queria ficar sabendo na mesma hora. Jogou no lixo a cautela, avançou com ar ameaçador para o marido, arrancou o envelope das mãos dele, para assombro de Francis, abriu-o e correu os olhos pelo conteúdo da mensagem.

Ela era curta, objetiva. Sem lenga-lenga.

Certo advogado, representando o senhorio, solicitava que eles deixassem o imóvel e desistissem de todo e qualquer reclamo quanto à locação da quitinete que ocupavam na Rua Ashdown. No prazo de um mês!

Adah sentiu um vazio torturante por dentro.

Depositou a carta sobre a mesa e continuou se vestindo. Não tinham necessidade de perguntar um ao outro o que iam fazer, porque não havia nada que pudessem fazer. Adah já sabia que aquela notícia chegaria. Na verdade não recebera confirmação concreta de nenhum dos outros inquilinos; tampouco tivera qualquer tipo de desentendimento com a senhoria, porque sempre fazia de tudo para evitar esses confrontos, mas contra ela havia muitos fatores adversos. Com efeito, para a maioria dos vizinhos nigerianos, ela estava no melhor dos mundos. Tinha um emprego de branco, embora todos ali tivessem manifestado suas críticas, e pelo jeito pretendia continuar nele. Não aceitava entregar os filhos em adoção como os outros; em vez disso, as crianças viviam com eles, como se ela e Francis fossem

que, quando tiverem, irão educá-las de modo a fazê-las se comportarem como crianças “corretas” desde a mais tenra idade.

Uma das peculiaridades da maioria das línguas nigerianas é o fato de que é possível, com elas, fazer canções sobre qualquer coisa. As donas de casa nativas usavam muito esse método. A esposa mais velha de um casamento polígamo que quisesse ficar em pé de igualdade com a rival mais jovem favorita do marido podia inventar todo tipo de canção sobre a mais jovem. Muitas mulheres podiam mesmo ensinar os filhos a cantar essas canções, cuja função era servir como uma espécie de pressão psicológica sobre a jovem.

Claro, na Rua Ashdown os vizinhos começavam a cantar assim que viam Adah se aproximar. A maioria das canções era sobre o fato de que ela e o marido em breve teriam de ir morar na rua. E, quando isso acontecesse, qual seria a utilidade da instrução de Adah?, perguntavam as canções. Quando isso acontecesse, para quem ela ia exibir os filhos? Tudo tão nigeriano. Tudo tão típico.

A situação atingiu um novo patamar quando o senhorio ficou tão farto deles que resolveu deixar de aceitar o dinheiro do aluguel do quarto. Somente alguém que já viveu esse tipo de situação sabe a tortura emocional que ela pode ser. Adah e Francis eram bombardeados semanalmente com as cartas do advogado fazendo a contagem regressiva para eles, exatamente como, para os astronautas, a do dia do lançamento do foguete. Eles sabiam que não eram bem-vindos; porque eram igbos, porque mantinham os filhos com eles, porque Adah trabalhava numa biblioteca e porque tinham dificuldade em se adaptar ao padrão segundo o qual se esperava que vivessem.

Enquanto isso as canções e risadas iam assumindo uma forma muito mais direta. “Não vejo a hora de ver esse pessoal pegar os pirralhos e sair da nossa casa”, dizia a senhoria em voz clara e sonora ao passar pelo corredor, para ninguém em especial, feito uma doida que perambula pelo pátio de um manicômio. Ao chegar ao fim de sua declaração, a mulher largava a cantar uma de suas canções improvisadas, às vezes dançando como uma possessa ao som da melodia. Tudo isso dava nos nervos de Adah, quase a deixando louca. Mas Adah era obrigada aguentar sem reagir na mesma moeda porque, depois de viver a maior parte de seus anos de formação

expressão feliz diante dos feitos de Adah. Ela esperava nunca deixar de realizar feitos. Quem sabe isso segurasse o casamento deles até voltarem para a Nigéria.

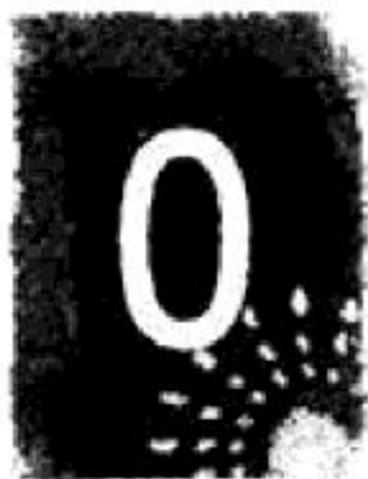
Antes, os filhos eram um dos grandes feitos que Francis apreciava, mas em Londres o custo, os inconvenientes, até mesmo a vergonha de tê-los haviam corroído o orgulho que sentia dos filhos. Enquanto Adah fosse capaz de trazer pequenos triunfos como aquele para casa, ele manteria aquela expressão satisfeita.

Adah não contou que havia apertado o nariz enquanto falava com a mulher; também não contou que havia marcado a visita para as nove horas porque estaria escuro e quem sabe a mulher não se desse conta a tempo de que eles eram negros. Se pelo menos pudessem pintar os rostos; só até depois de pagarem o primeiro aluguel. Descartou a ideia, sobretudo por saber que Francis não entraria no jogo. Não havia nada que ela pudesse fazer além de torcer para dar certo. Mesmo que no fim tudo saísse errado, sentia-se grata pela felicidade temporária que ela e o marido estavam sentindo. Francis começou a chamá-la de “querida” e falou com ela exatamente como os maridos comuns falam com as esposas. Chegou a se oferecer para buscar as crianças na creche para que Adah pudesse se encarregar da cozinha. Foi como uma hora roubada. Ela até começava a achar que talvez Francis estivesse apaixonado por ela afinal. Tudo o que precisava fazer era aparecer com surpresas como aquela de vez em quando. Não se permitiu imaginar que talvez não conseguissem os quartos. O desapontamento seria um peso grande demais para suportar.

Janet, agora muito amiga de Adah, não precisou de muito convencimento para ir até o quarto deles tomar conta das crianças enquanto eles saíam. Estava tão animada quanto Adah e, antes deles saírem, as duas ficaram imaginando como o apartamento de Adah ficaria bonito. Porque, dizia Janet, dois quartos são um apartamento. Então Adah não sabia?

O ar da noite tinha um fundo de friagem, mas da Ashdown à Hawley era uma caminhada de não mais de dez minutos. No começo os dois andaram depressa, ardendo de esperança. Mas quando se aproximaram da Rua Hawley, Francis começou a assoar o nariz e a ficar para trás, como se estivesse a caminho da castração.

O GUETO



Um grupo de nigerianos já viera para a Inglaterra. Esse grupo de homens chegara no fim da década de 40, quando a Nigéria ainda era uma colônia. Mesmo durante o regime colonial, eram homens da classe média nigeriana. Eram instruídos, haviam estudado em boas escolas secundárias ou seus equivalentes, suficientemente qualificados para ocupar cargos administrativos no serviço público do país. Esses homens estavam a par da situação política mundial e sabiam que o colonialismo, tal como acontecera com o comércio de escravos, em breve se tornaria caro demais para os amos coloniais; que o desenlace seria a independência – num movimento semelhante ao da libertação dos escravos quando sua manutenção se tornara excessivamente cara. O último prego do caixão havia sido a independência da Índia. Logo chegaria a vez deles. Em breve a Nigéria se tornaria independente.

Esses homens estimavam que com a independência viria a prosperidade, o momento de terem um governo independente, além de disponibilidade de empregos de alto nível e mais dinheiro, dinheiro à beça. Só que era preciso ter qualificação para esses empregos, pensavam eles. O único lugar capaz de assegurar essa qualificação, esse passaporte para a prosperidade, era a Inglaterra. Era preciso ir para a Inglaterra, fazer cursos rápidos de direito e voltar para governar seu país. O que poderia ser mais adequado?

A reação que se seguiu a essa percepção repentina se espalhou como incêndio na mata. Homens responsáveis, ocupando altos postos no serviço público, jogaram seus empregos para o alto, acertaram as contas, se demitiram, abandonaram os filhos, entregaram vinte libras ou algo assim às esposas analfabetas, e fizeram as malas para a viagem ao Reino Unido em busca de treinamento, em busca de qualificação. A qualificação que faria deles

dizendo uma coisa do tipo a alguns de seus amigos, mas era jovem demais para entender. Quando ficou sabendo do caso do sr. Noble, compreendeu que aquelas histórias eram mesmo contadas. Fosse como fosse, o sr. Noble tirou as calças em troca de uma caneca de cerveja. Foi nessa ocasião que se tornou suficientemente popular, popular e generoso, para ser rebatizado com o nome “Noble”. Era um homem tão nobre que fazia qualquer coisa por seus companheiros, até tirar as calças!

De modo que o sr. Noble gostou do nome, que grudou nele como uma sanguessuga. Descobriu que, quando se apresentava como sr. Noble, as coisas ficavam muito mais fáceis para ele. Pelo menos seu nome era inglês. Mas, numa tarde tranquila, suas apresentações cômicas quase o mandaram para junto de seu Criador. Adah não sabia muito bem o que acontecera de fato. A história era ilógica demais, mesmo para a ficção. Mas as pessoas acreditavam que era aquilo mesmo que ocorrera. O sr. Noble tinha seus ombros para apresentar como prova, portanto devia haver alguma verdade na coisa.

A história era que, numa tarde em que não havia muito movimento no elevador, um dos colegas do sr. Noble lhe dissera para operar o elevador manualmente, sem usar a eletricidade disponível. O sr. Noble sempre falava que os africanos eram muito fortes. Naquela tarde lhe disseram para provar isso em troca de uma caneca de cerveja. O sr. Noble se inclinou, como um grande bobo, para encaixar o elevador sobre os ombros. Só Deus sabe como aquele cérebro confuso lhe disse que seria capaz de fazer aquilo, mas, mesmo assim, ele fez a tentativa só para provar como era forte. Em troca de uma caneca de cerveja. Alguma coisa no elevador grunhiu, se retorceu e despencou por cima dele, aprisionando seu ombro. Os colegas se apavoraram. Alguns fizeram menção de sair correndo, mas dois ou três não conseguiram ficar surdos aos gemidos de cortar o coração que o sr. Noble soltava. Era um som horrendo: o som que um homem provavelmente produziria se estivesse sendo esquartejado vivo, logo antes de perder a consciência. Os colegas tentaram ajudá-lo. Puxaram e bufaram à porta do elevador, mas o ombro do sr. Noble estava preso em meio à ferragem retorcida. O socorro acabou aparecendo, o sr. Noble foi levado às pressas para o

escolher o momento certo. Esses momentos costumavam ocorrer quando Francis estava cheio de desejo por ela. Ela o estimulava a ir em frente e aí suscitava discussões importantes, por exemplo, onde eles iam viver. Nessa ocasião específica, Francis parecia um touro enfurecido.

“Por que você precisa vir falar nisso justo agora, às três da manhã? Por quê, sua bruxa do mal? Então um homem não pode mais sentir desejo pela mulher?”, ele explodiu, sacudindo Adah brutalmente pelos ombros.

Adah gemeu de dor, mas estava decidida a não se render. Não enquanto eles não falassem dos Noble e não decidissem onde o bebê ia nascer. Tudo bem para Maria ter o dela num estábulo em Belém, mas aquilo fora séculos atrás e no deserto, onde sempre fazia calor. Não na Inglaterra, onde às vezes, no inverno, fazia um frio de necrotério. Pelo menos era o que haviam dito a Adah. Francis precisava ser obrigado a falar no assunto, e aquele era o único jeito. Três da manhã era o único horário adequado. Uma hora em que já estava tarde demais para que Francis corresse para uma de suas namoradas em busca de ajuda; a hora em que só Adah poderia atender a todas as suas vontades; a única hora em que ela e somente ela, de todas as mulheres do mundo inteiro, poderia satisfazê-lo. Adah sabia a que ponto Francis ficava vulnerável em momentos como aquele, por isso sentou-se na beirada da cama, com pouca roupa sobre o corpo, cobrindo a cabeça com as mãos e olhando para baixo, para a barriga protuberante.

A voz de Adah também fazia parte da cena, uma voz grave e sussurrada, mas ela insistiu no que desejava: “Nós vamos ou não vamos falar com os Noble?”.

“Vamos, vamos, vamos sim”, respondeu Francis, jogando-se para cima dela. Ela se esquivou, o que irritou seu marido, que perguntou: “Que droga, o que você quer mais? Eu já lhe disse que a gente vai falar com eles. O que mais você quer?”.

Adah agora estava em pé ao lado da pia, com muita vontade de rir de Francis, também de pé, todo inflamado. A que ponto todos nós nos parecemos com os animais quando estamos consumidos por nossos desejos fundamentais, pensou Adah, parada ao lado da pia como uma sedutora cruel atraindo seu macho para a destruição. Para

garras... encarquilhadas, mais negras que o negro usual; na verdade pareciam tocos calcinados a que estavam presos dedos diminutos, igualmente negros. Quanto ao braço deslocado, fazia qualquer um pensar naquelas pobres crianças vítimas da talidomida. Pa Noble se aproximou para poder apreciar melhor os dois visitantes. Foi nesse momento que removeu os enormes óculos quadrados para fitá-los uma e outra vez, como um morcego cego. Seus olhos ficavam fundos em relação ao rosto: posicionados em cavidades profundas. Adah não conseguia ver direito o branco daqueles olhos, mas mesmo assim teve a impressão de estar sendo examinada por um par de olhos travessos, muito sábios e muito velhos. Eram olhos tão intensos, tão precisos, mesmo estando assim afundados naquele rosto... Adah se esquivou do acolhimento efusivo do sr. Noble. As palavras e frases que ele pronunciou eram cordiais, mas aqueles olhos, aquele rosto, aquela risada! Adah pediu a Deus que fizesse o sr. Noble pôr de novo os óculos. Pelo menos assim as duas covas ficariam cobertas. Era por isso que ele usava óculos? Para cobrir as cavidades da caveira? Sem a menor dúvida, ele dava a impressão de ver melhor sem os óculos.

Deus ouviu as preces silenciosas de Adah, e o sr. Noble recolocou os óculos. Estava vestido com camadas e mais camadas de roupas, coletes, camisas e velhos moletons, e, por cima de tudo, uma japona de outra encarnação, com bolsos desbeijados. As calças pareciam ter pertencido originalmente a alguém maior que ele: ficavam soltas como as roupas de uma marionete de televisão. Os pés estavam cobertos por inúmeras meias de lã derreadas nos tornozelos, pois as sanfonas elásticas já não funcionavam havia muito. O conjunto todo, os pés e as meias esgarçadas, estava enfiado em dois grandes chinelos desemparelhados. Um dos chinelos era de couro marrom, o outro de lona azul. A aparência daquele homem correspondia exatamente à descrição que as pessoas faziam dele: um feiticeiro.

“Entre, entre, *igawo*”. *Igawo* é a palavra iorubá que designa uma jovem esposa, não necessariamente uma noiva. O sr. Noble devia ter tido a impressão de que Adah era muito jovem. “Entrem e sejam bem-vindos”, disse, exibindo os dentes cintilantes. Deus tinha piedade: dar aqueles dentes perfeitos a um velho tão feio. Aqueles dentes davam vida ao rosto, fazendo-o adquirir alguns traços de humanidade.

teriam dinheiro suficiente para cobrir os gastos até ela voltar ao trabalho. Convencera Francis de que o certo seria ele trabalhar nos correios durante o período de Natal. Com isso, só se Adah trabalhasse o máximo de tempo possível eles conseguiriam pagar o aluguel e a creche das crianças, e ainda fazer uma pequena reserva até ela ficar suficientemente recuperada para retomar o trabalho.

Quando lembrava daquele tempo, ela ainda se perguntava por que nunca havia estranhado que só ela se preocupasse em saber como eles iam fazer para sobreviver, por que ela, e ela apenas, tinha a sensação constante de estar deixando desprovidas as pessoas que amava, caso se afastasse do trabalho, mesmo que fosse para ter um filho. O mais engraçado de tudo era ela sentir que tinha o dever de trabalhar, e seu marido não. Francis deveria levar uma vida tranquila, a vida de um estudante mais velho, estudando em seu próprio ritmo.

Naquela manhã, Adah se aprontou e saiu às pressas para a estação de Kentish Town. Ao chegar lá, percebeu que os funcionários da ferrovia estavam num daqueles dias de operação tartaruga. Não estava informada do fato porque andava tão completamente isolada das outras pessoas que, se não fossem as idas ao seu local de trabalho, não saberia de nada do que acontecia fora de sua casa. Francis não acreditava em amizade. Os únicos amigos que estava começando a cultivar eram um ou dois fiéis das Testemunhas de Jeová, que os visitaram um par de vezes no quarto onde viviam. Andavam com malas tão grandes que Adah se lembrou dos açougueiros ambulantes hauçá de Lagos. Adah não se incomodava com eles, quem sabe até transformassem Francis num marido fiel. Mas os pregadores das Testemunhas de Jeová não tinham como informá-la de que haveria uma greve ferroviária. Eles nunca liam os jornais: seria jogar dinheiro fora, segundo Francis. Não tinham rádio nem televisão. Assim, estavam completamente segregados de todos os veículos de comunicação. Embora de vez em quando Francis descesse para o aposento da sra. Noble para assistir à televisão deles, Adah estava proibida de descer porque a mulher seria uma má influência para ela. Adah não sentia um afeto especial pela sra. Noble e estava sempre muito ocupada com as próprias tarefas, por isso não protestava. Simplesmente aceitava seu papel, tal como definido por seu marido.